

## **Preservação in situ X ex situ: reflexões sobre um falso dilema**

Maria Lucia De Niemeyer Matheus Loureiro

Museu de Astronomia e Ciências Afins.

---

**Resumo:** Este texto se insere no projeto de pesquisa intitulado “Musealização como processo informacional”, desenvolvido na Coordenação de Museologia do Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST (Rio de Janeiro, Brasil), que tem como objetivo geral analisar os processos de musealização a partir de uma perspectiva informacional em diferentes instâncias, com ênfase nos domínios da Ciência e Tecnologia. A forma clássica de musealização baseia-se na preservação ex situ e, por conseguinte, remete ao colecionismo, fenômeno freqüentemente associado à constituição do museu em sua feição moderna. Nas últimas décadas do século XX, a musealização in situ ganharia relevo com os ecomuseus, logo associados a uma suposta mudança de paradigma que marcaria o fim de uma Museologia superada, presa às amarras das coleções de objetos e, por oposição a uma Nova Museologia, identificada como arcaica e obsoleta. Como resultado do esforço argumentativo em defesa de um novo modelo de musealização, criou-se um falso dilema entre estratégias in situ e ex situ de preservação.

**Palavras-chave:** Musealização. Preservação in situ. Preservação ex situ.

**Abstract:** *This paper is part of the research project entitled “Musealization as informational process”, carried out at Museu de Astronomia e Ciências Afins (Museum of Astronomy and Related Sciences, Rio de Janeiro, Brazil). The research aims to analyze musealization processes from an informational perspective in different instances, with an emphasis in the realms of Science and Technology. In the last decades of the 20th Century, with the emergence of ecomuseums, in situ preservation was highlighted and immediately associated with a supposed paradigm shift that would mark the end of an Old Museology, attached to the objects and collections, and, compared to a New Museology, identified as archaic and obsolete. The efforts to defend the new model of musealization resulted in a false dilemma between in situ and ex situ preservation strategies.*

**Keywords:** *Musealization. In situ preservation. Ex situ preservation.*

---

### ***A Musealização como processo informacional: notas preliminares***

Este texto se insere no projeto de pesquisa intitulado “Musealização como processo informacional”, desenvolvido na Coordenação de Museologia do Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST (Rio de Janeiro, Brasil), cujo objetivo é refletir sobre musealização como processo informacional em diferentes domínios, particularmente Ciência e Tecnologia.

Embora admitindo que a abordagem informacional contemple apenas uma das múltiplas dimensões de análise do museu, cabe ressaltar que ela tem sido ressaltada por inúmeros teóricos da Museologia.

Para Ivo Maroevic (1998), o reconhecimento do valor informativo do objeto (visto como documento) teria contribuído para o amadurecimento teórico da disciplina, que ingressaria em uma “fase teórico-sintética” a partir da década de 1970. Peter Van Mensch (1992), por sua vez, aborda o objeto como portador de dados<sup>104</sup>. Martin Schärer (2009, p. 85) enfatiza o caráter dual dos objetos, que são dotados de uma faceta estrutural (relacionada à sua materialidade) e outra cultural (relacionada ao seu contexto de aplicação e uso). O autor define os museus como coletores de informação, e o processo de musealização como “a preservação dos valores ideais das coisas”. Embora admita que a musealização seja também aplicável à preservação *in situ*, afirma que se trata de uma forma específica de apropriação da realidade baseada na descontextualização. Para o autor, os objetos são fisicamente coletados, mas as informações e significados é que são musealizados. A fim de objetificar o processo de musealização, é essencial, assim, coletar o máximo de informação possível sobre o contexto original do objeto, que estará ausente no processo de descontextualização. (Schärer, 2009, p. 87-88)

Para Ulpiano Bezerra de Meneses (1992, p. 111) o “eixo da musealização” é o “processo de transformação do objeto em documento”, o que introduziria “referências de outros espaços, tempos e significados”. É a partir dessa perspectiva que propomos a definição de musealização que se segue, advertindo que se trata de uma noção operacional que enfatiza aspectos relacionados à seleção e à condição de documento implícitas na musealização como processo informacional: A musealização consiste em um conjunto de processos seletivos de caráter informacional baseados na agregação de valores a coisas de diferentes naturezas às quais é atribuída a função de documento, e que por esse motivo tornam-se

---

104 No original, “object as data carrier”.

objeto de preservação e divulgação. Tais processos, que têm no museu seu caso privilegiado, exprimem na prática a crença na possibilidade de constituição de uma síntese a partir da seleção, ordenação e classificação de elementos que, reunidos em um sistema coerente, representarão uma realidade necessariamente maior e mais complexa.

Ao mencionar coisas de diferentes naturezas, referimo-nos não apenas a objetos (característicos da musealização em sua feição clássica), mas também a espaços. Museus abarcam virtualmente itens de diferentes tipos e naturezas, provenientes de diferentes domínios, que estimulam, conseqüentemente, diferentes questões. Mais que respondê-las, é objetivo deste texto trazê-las à tona, em particular no âmbito da ciência e tecnologia.

### ***Algumas palavras sobre preservação ex situ: coleções e museus clássicos***

Refletir sobre processos de musealização em sua forma clássica implica em mencionar os objetos que integram os acervos dos museus. Os autores que abordam a noção mencionam como questão crucial o deslocamento do objeto de seu contexto primário para um contexto artificial – o museu – onde ele se torna um documento que representa sua realidade original. Tal deslocamento pode ser entendido não apenas em seu sentido material e concreto (o que com muita frequência ocorre), mas também (e principalmente) como um deslocamento de ordem simbólica, em que o objeto passa por processos que o convertem em uma coisa de outra natureza: ao desempenharem o papel de documentos, participam de uma função representacional e são investidas de outros papéis, essencialmente diferentes daqueles para os quais foram criados. Passam a significar e a conferir sentido a diferentes experiências e se desprendem de uma realidade imediata para remeter e evocar realidades ausentes. Longe de refletir ou espelhar tais realidades, entretanto, os objetos as recriam através de uma operação de ressignificação.

A forma clássica de musealização baseia-se na preservação ex situ, remetendo, portanto, ao colecionismo, fenômeno frequentemente associado à constituição do museu em sua feição moderna. Susan Pearce (1993) ressalta que as noções de conjunto ou de acumulação são insuficientes para dar conta da idéia de coleção, ressaltando seu caráter de artefato. Para Abraham Moles (1981, p.141), a formação de coleções seria uma expressão do “amor ao absoluto”, implicando na apropriação pelo homem de uma parte do mundo com o intuito de dominá-lo. Krzysztof Pomian (1984, p. 53), por sua vez, aborda o museu moderno como uma manifestação singular do fenômeno do colecionismo.

O conceito de “centro de cálculo” (cf LATOUR, 1987, 1996) oferece uma interessante perspectiva para a reflexão sobre coleções e museus como espaços de produção de informação. Possibilita, ainda, iluminar alguns aspectos sobre o deslocamento característico da musealização (*ex situ*), que motivou inúmeras críticas sobre descontextualização. Para Bruno Latour (1996, pp. 24-26), “informação não é um signo, mas uma relação estabelecida entre dois lugares, o primeiro que se torna periferia e o segundo que se torna centro, com a condição de que entre os dois circule um veículo freqüentemente chamado forma, mas que, para insistir em seu aspecto material, chamo inscrição”. A produção da informação em um centro de cálculo é entendida como atividade prática, concreta e material, que envolve “operações de seleção, de extração, de redução” que resolvem “a contradição entre a presença de um lugar e a ausência desse lugar”.

Objetos de museu (em particular, espécimes de História Natural) são abordados a partir da noção de “móveis imutáveis”. Latour (1985, p. 21) ressalta a necessidade de mobilizar o mundo, ou seja, reunir elementos do mundo em lugares que se estabelecem como centros de cálculo: “é preciso poder transportar qualquer estado do mundo para certos lugares”, afirma o autor, acrescentando que tudo “precisa ser reunido em algum lugar para esse recenseamento universal”.

Para que isso seja possível, entretanto, é imprescindível a invenção de meios que transformem as coisas, a fim de que estas se tornem “móveis para que possam ser transportadas, [...] estáveis para que possam ser movimentadas sem distorção, e [...] combináveis a fim de que [...] possam ser acumuladas, agregadas e misturadas como cartas de um baralho.” (Latour, 1987, p. 223)

Em um “centro de cálculo”, as coisas não estariam apenas ligadas entre si, mas, principalmente, ao mundo real, cujos elementos são continuamente combinados. A produção da informação implica em seleção e, conseqüentemente, em redução. Na impossibilidade de se transportar um lugar, são selecionados alguns traços ou elementos considerados relevantes os quais, posteriormente reunidos e combinados, preencherão a ausência de uma realidade impossível de ser transportada em sua totalidade. A prática de produção de inscrições confere comensurabilidade a coisas vindas de diferentes domínios do real, e essa “mais valia” da informação compensaria a redução inevitável causada pela representação de uma realidade em um “centro de cálculo”. (Latour, 1996, p. 42)

Esse “movimento de redução”, teria como contraponto outro de amplificação, que pode ser exemplificado por uma coleção de pássaros empalhados, originalmente

dispersos no espaço e no tempo e posteriormente reunidos em um museu de História Natural:

Comparada à situação de partida, onde cada pássaro vivia livremente em seu eco-sistema, que perda considerável, que redução! Mas, comparada à situação de partida onde cada ave voava invisível na confusão de uma noite tropical ou de um pequeno dia polar, que ganho fantástico, que grandeza! O ornitólogo pode, no calor de seu gabinete, comparar os traços pertinentes de milhares de aves que se tornaram comparáveis pela imobilidade, pela pose, pela naturalização. Aquilo que vivia disperso nos estados singulares do mundo se unifica, se universaliza, sob o olhar preciso do naturalista. Impossível compreender esse suplemento de precisão e de conhecimento, sem a instituição que abriga todas essas aves empalhadas, que as apresenta aos olhos dos visitantes. (...) A comparação de todas as aves do mundo, sinoticamente visíveis e sincronicamente reunidas dá ao estudioso uma enorme vantagem sobre quem só tem acesso a algumas aves vivas. A redução de cada ave se paga com uma formidável amplificação de todas as aves do mundo. (Latour,1996, pp.27-28)

A abordagem *ex situ*, entretanto, não contempla todo o espectro da preservação do patrimônio, o que levou Peter Van Mensch (1992) a propor o conceito de “objeto museológico” (mais amplo que o de objeto de museu): “qualquer elemento pertencente ao âmbito da natureza ou da cultura material, que seja considerado merecedor de preservação, seja *in-situ*, *ex-situ* ou por documentação”.

Algumas palavras sobre preservação *in situ*: ecomuseus e espaços musealizados  
Com a emergência dos ecomuseus nos anos 1970, a musealização *in situ* ganharia relevo e passaria a ser freqüentemente associada a uma suposta mudança de paradigma que marcaria o fim de uma Museologia superada, presa às amarras das coleções de objetos e, por oposição à chamada ‘Nova Museologia’, identificada como arcaica e obsoleta.

Peter Van Mensch (2003, pp. 7-8) define a “Nova Museologia” como uma nova abordagem metodológica que teria emergido nos anos 1970, baseada em uma reversão hierárquica, que resultaria na ênfase no papel social do patrimônio. Para o autor, essa nova abordagem se apoiaria em novas práticas e novos conceitos, entre os quais o de “museologia de comunidade”, que se apresenta como oposta à velha museologia praticada nos “museus tradicionais”, que privilegiariam a coleção em detrimento do público. O “ecomuseu” seria, para Van Mensch, o tipo mais radical de museu de comunidade.

Heloísa Barbuy (1995, pp. 210-211) observa que o ecomuseu é um tópico bastante difundido e mesmo desgastado, embora não suficientemente debatido. Enfatiza que a interpretação do tema tem sido distorcida em virtude da insuficiência de informação, e que uma das distorções percebidas seria exatamente o papel do patrimônio e do acervo. Nos ecomuseus, prossegue a autora, “o acervo não é indesejado ou banido”, mas “ampliado, tanto no sentido de sua natureza como no de seu significado, abrangendo bens imóveis e territórios inteiros, além de espécimes vivos e de bens imateriais”. Embora a criação de ecomuseus tenha suscitado “certas interpretações indevidas, talvez por chocar os partidários dos acervos-fetichê”, seu principal responsável, Georges Henri Riviere, “deu importância absoluta aos acervos como portadores de informação, assim como de carga simbólica e afetiva”.

Embora reconhecendo o caráter inovador dos ecomuseus, é preciso ressaltar que não se trata da única (nem da primeira) experiência museológica no terreno da preservação *in situ*. Embora não seja propósito deste trabalho enumerar todas essas experiências, parece útil mencionar algumas a título de exemplo: monumentos históricos, sítios históricos e arqueológicos<sup>105</sup>, reservas naturais<sup>106</sup>, entre outras.

É importante enfatizar aqui que a terminologia *in situ* – *ex situ* é largamente utilizada no campo da conservação da biodiversidade, sendo reconhecidas como complementares, uma vez que medidas *ex situ* são consideradas indispensáveis para aumentar as chances de sobrevivência de espécies ameaçadas<sup>107</sup>.

Assim como ocorre no terreno da conservação da biodiversidade, é urgente enfatizar que a opção pela abordagem de preservação (*in situ*, *ex situ* ou ambas)<sup>108</sup> tem caráter estratégico e deve ser sempre considerada caso a caso. Assim como as coleções e as estratégias *ex situ*, a abordagem *in situ* é também incapaz de dar

---

105 Reconhecidos pelo International Council of Museums (ICOM) em 1961.

106 Reconhecidos pelo ICOM em 1974.

107 Para maximizar seu valor para fins de conservação, coleções *ex situ* de organismos vivos (mantidas em zoológicos, aquários, jardins botânicos, herbários, bancos de sementes etc) devem ser geridas de acordo com padrões rigorosos, estar adequadamente documentadas e inseridas em eficientes sistemas de gestão de informações [Secretariat of the Convention on Biological Diversity, Botanic Gardens Conservation International. Global Strategy for Plant Conservation. Montreal, Quebec (Canada); Surrey, UK: 2002].

108 No âmbito da conservação de plantas, uma abordagem denominada “quasi *in situ*” foi proposta por Volis e Belcher (2010) como um conceito agregador que unificaria as estratégias *in situ* e *ex situ*.



conta de um campo tão complexo como a preservação do patrimônio. A despeito disso, o esforço argumentativo em defesa do ecomuseu e de um novo modelo de musealização acabaria por produzir um falso dilema entre estratégias in situ e ex situ de preservação.

### ***Sobre falsos dilemas e os perigos do pensamento preto e branco***

Em um texto que aborda a relação entre museu e público, Stephen Weil (1999, p. 20) ressalta que a “falência dos fundamentos ideológicos” sobre os quais os museus foram fundados ocasionou a perda (ou ao menos a mácula) na confiança pública na instituição, antes percebida como “desinteressada, neutra e objetiva”. Essa quebra propiciou a criação de um ambiente favorável para o questionamento dos museus e, por extensão, de seus acervos - representativos das elites econômicas e políticas e da ciência hegemônica, testemunhos das práticas de saque, pilhagem e espólio... Museus vêem sua legitimidade ser posta em questão e são desafiados com novos (e saudáveis) questionamentos: Para que servem os museus? Para quem se destinam? Quem está representado nos museus e em suas coleções? Quem define o que deve ser preservado e o que pode trilhar o destino inexorável da extinção? Em que se baseiam essas escolhas?

Novas experiências (como os ecomuseus) fundadas em outras bases que não a ordem estabelecida encontrariam, na Museologia, terreno fértil para germinar. Algumas das questões, entretanto parecem hoje distorcidas e datadas, dando lugar a clichês repetidos à exaustão, que tendem a se cristalizar como falsos dilemas. Estes consistem na apresentação de duas posições (em geral extremas) como únicas alternativas aceitáveis, ocultando todo um espectro de possibilidades. Nesses casos o operador “OU” é (intencionalmente ou não) usado de modo impróprio, o que induz a falsas dicotomias como:

- ‘objeto OU público’;
- ‘coleção OU comunidade’;
- ‘preservação in situ OU preservação ex situ’.

Tais oposições seriam beneficiadas com uma revisão, e devem ser submetidas a novas análises. Por sua inconsistência do ponto de vista formal, as duas primeiras não resistem a uma apreciação mais rigorosa: é visivelmente incoerente opor objeto e público, coleção e comunidade. Objetos de museu existem apenas em função do público, sem o qual se tornam meras coisas no mundo. Objetos são musealizados por seu valor atribuído, estão repletos de valores humanos e por isso pressupõem necessariamente um público. Essa relação complexa constitui-se um terreno produtivo para análises e é repleta de contradições, que devem ser exploradas e problematizadas. Entretanto, excluir um dos termos (e.g. público) destitui o outro de sentido, já que o significado deste é eminentemente diacrítico.

A mera exclusão de um dos termos, ademais, não leva ao fim de dicotomia; ao contrário, ela a reafirma. Descartar o objeto equivale a “jogar fora o bebê com a água da banheira”, enquanto examiná-lo de maneira crítica pode render análises mais consistentes e certamente mais produtivas. Coleções, por sua vez, resultam de uma ação humana intencional; trata-se de um artefato, questão da maior importância que não se pode perder de vista. Grande parte do empreendimento científico se deve à formação de coleções, e inúmeras disciplinas são tributárias dessa prática. Ao abordar o tema coleção, é preciso buscar os critérios de seleção (explícitos ou tácitos) que lhe subjazem, sem perder de vista que eles estão presentes em toda ação musealizante: também nos ecomuseus é preciso procurar a lógica seletiva subjacente, que determinou seus contornos e seus limites. Coleção não se opõe a comunidade, e a musealização in situ não garante por si sua participação equânime.

Quanto ao falso dilema preservação in situ X ex situ, que dá título a este texto, devem ser considerados os estudos sobre estratégias de conservação da biodiversidade, abordados no tópico anterior. À primeira vista, parece estranho pontuar uma reflexão sobre museus com o tema “conservação da biodiversidade”. Não se trata, como pode parecer, de um mero recurso estilístico: este tipo de discussão é freqüente em alguns museus clássicos, como jardins botânicos e zoológicos. Embora não estejamos habituados a pensar sobre essas instituições como museus, é preciso ressaltar que elas são oficialmente aceitas como tal pelo International Council of Museums (ICOM), cuja Constituição (elaborada em 1946, ano da fundação do órgão) reconhece como museus “todas as coleções abertas ao público, de material artístico, técnico, científico, histórico ou arqueológico, incluindo zôos e jardins botânicos, e excluindo bibliotecas, a menos que elas mantenham salas de exposição permanentes”<sup>109</sup>. A tendência a opor estratégias in situ e ex situ, portanto, deve ser igualmente reconsiderada.

Parece benéfico, da mesma forma, analisar museus de território em geral (inclusive os ecomuseus) com o mesmo rigor dirigido aos museus clássicos. Assim como estes últimos, os ecomuseus devem ser também submetidos ao escrutínio da Museologia, contribuindo para as reflexões sobre o papel do museu no mundo atual. Um bom ponto de partida pode ser a crítica de Jean Baudrillard (1991, pp.

---

109 “The word “museums” includes all collections open to the public, of artistic, technical, scientific, historical or archaeological material, including zoos and botanical gardens, but excluding libraries, except in so far as they maintain permanent exhibition rooms”. ([http://archives.icom.museum/hist\\_def\\_eng.html](http://archives.icom.museum/hist_def_eng.html))



13-15) à simulação que caracteriza a cultura contemporânea e se manifesta pela substituição do signo pelo real. Apresentando-se em oposição à representação, a simulação partiria do “princípio da equivalência do signo e do real” e do “aniquilamento de toda referência”. O ecomuseu de Creusot é comparado pelo autor à tribo Tasaday, devolvida em 1971 ao seu primitivismo pelo Governo das Filipinas. “O índio assim devolvido ao ghetto, no sepulcro de vidro da floresta virgem, volta a ser o modelo de simulação de todos os índios possíveis de antes da etnologia”. O mesmo teria ocorrido no ecomuseu de Creusot,

... onde se museificaram no local, como testemunhas ‘históricas’ de sua época bairros operários inteiros, zonas metalúrgicas vivas, uma cultura completa, homens, mulheres, crianças incluídos – gestos, linguagens, costumes incluídos, fossilizados vivos como num instantâneo. O museu, em vez de estar circunscrito como lugar geométrico, está, agora, em toda a parte, como uma dimensão da vida. (Baudrillard, 1991, p. 17)

Refletir sobre a diversidade do universo museológico e sobre suas diferentes abordagens e estratégias de preservação pode contribuir para o amadurecimento das reflexões sobre nossa área de atuação e estudo. É necessário, entretanto, evitar a armadilha do pensamento preto e branco, que tende a encerrar e reduzir todo um espectro de possibilidades a dois pólos opostos, sem considerar suas gradações. Processos de musealização, como qualquer objeto de estudo, são mais ricos e complexos que quaisquer reflexões e análises teóricas (inclusive esta), mas podemos evitar cair em armadilhas que nos impedem de enxergar matizes e nuances de uma realidade complexa e multicolorida.

## ***Referencias Bibliográficas.***

---

**Barbuy, H.** (1995). A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise. Anais do Museu Paulista, 3, 209-236.

**Baudrillard, Jean** (1991). Simulacros e simulação. Lisboa: Relógio d'Água.

**Latour, B.** (1996). Ces réseaux que la raison ignore: laboratoires, bibliothèques, collections. In: BARATIN, Marc, JACOB, Christien. Le Pouvoir des bibliothèques. Paris: Albin Michel. P.23-46.

**Latour, B.** (1985). Les 'vues' de l'esprit: une introduction a l'anthropologie des sciences et des techniques. Culture Technique, 4, 5-29.

**Latour, B.** (1987). Science in Action: how to follow scientists and engineers through society. Milton Keynes: Open University.

**Maroevic, I.** (1998). Introduction to Museology: The European Approach. München: Verlag.

**Meneses, U. T. B.** (1992). A exposição museológica: reflexões sobre pontos críticos na prática contemporânea. Ciências em Museus, 4, 103-120.

**Moles, A.** (1981). Teoria dos Objetos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

**Pearce, S. M.** (1993). Museums, objects and collections. Washington: Smithsonian Institution Press.

**Pomian, K.** (1984). Colecção. In: Enciclopedia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda. vol. 1, 51-86.

**Schärer, M. R.** (2009). Things + Ideas + Musealization = Heritage. A Museological Approach. Museologia e Patrimônio, 2 (1), 85-89.

Secretariat of the Convention on Biological Diversity, Botanic Gardens Conservations International (2002). Global Strategy for Plant Conservation. Montreal, Quebec (Canada); Surrey, UK.

**Van Mensch, P.** (1992). Towards a methodology of museology (Phd Thesis). University of Zagreb.

**Van Mensch, P.** (2003). Museology and management: enemies or friends? Current tendencies in theoretical museology and museum management in Europe. IV Annual Conference of the Japanese Museum Management Academy.

**Volis, S. & Blecher, M.** (2010). Quasi in situ: a bridge between ex situ and in situ conservation of plants. *Biodiversity and Conservation*, 19.

**Weil, S. E.** (1999). El Museo y el publico. *Revista de Museologia*, 16, 17-25.